

CULTIVO RESIDENCIAL E COMÉRCIO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NAS CIDADES DE CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE, ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL

Renata Rodrigues Paraguassu^{1,2}

Millena Haenisch Schneider^{1,3}

Pamela Cristina Carmo Maia^{1,3}

Juliano Bonatti⁴

RESUMO – As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) tem um importante papel de auxiliar na diversificação da dieta, além das importâncias ecológica e socioeconômica. Estas são plantas que, apesar da alta contingência e fácil acesso, são pouco utilizadas ou inutilizadas. Tendo em vista estes aspectos, este estudo buscou identificar, a partir de um levantamento, as PANC comercializadas e cultivadas em residências nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, no estado de Mato Grosso. Para isso, foram coletados dados sobre o nível de conhecimento dos comerciantes e da comercialização das plantas, assim como, informações sobre a produção e o consumo das PANC em moradias. A amostragem baseou-se em entrevistas semi-estruturadas com comerciantes, em feiras populares, e com cultivadores de PANC. Dentre os resultados obtidos, destaca-se o registro de 58 espécies de PANC – 19 espécies exclusivas do comércio e 28 exclusivas no cultivo. Dentre essas, evidenciaram-se o caruru (*Amaranthus deflexus*), espécie espontânea encontrada, reconhecida e utilizada nas residências como alimentícia e negligenciada pelos produtores de alimentos voltados ao comércio. Ainda se identificaram diversas formas de consumo, potencialidades alimentícias ou medicinais inexploradas, tais como o uso do jatobá (*Hymenaea courbaril*), melão de São Caetano (*Momordi cacharantia*) e amora (*Morus nigra*) como alimentícia. Essas são utilizadas ou comercializadas somente para fins medicinais. Dessa forma pode-se apontar que, mesmo com a presença das PANC no comércio e sendo cultivadas nas moradias, há o risco do conhecimento sobre o manejo e a utilização desaparecerem pela falta de complementariedade entre estas duas atividades fundamentais no uso e conhecimento das PANC nas áreas estudadas.

Palavras-chaves: Feiras populares; PANC; Recursos alimentares vegetais.

RESIDENTIAL CULTIVATION AND TRADE IN UNCONVENTIONAL FOOD PLANTS (UFPS) IN THE CITIES OF CUIABÁ AND VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO STATE, BRAZIL

ABSTRACT – Unconventional Food Plants (PANC) have an important role promoting diet diversification, as well as the ecological and socioeconomic importance. These plants are underused or unusable, despite their high contingency and easy access. Through a survey, this study aims to identify the PANC sold and cultivated in residences in the cities of Cuiabá and Várzea Grande, in the state of Mato Grosso. The data were collected about the level of knowledge of traders and the fairgrounds of plants, as well as information on the production and consumption of PANC in proprieties. Sampling was based on semi-structured interviews with traders, at popular fairs, and with PANC growers. We recorded 58 species of PANC - 19 unique species to the trade and 28 species unique to cultivation. The caruru (*Amaranthus deflexus*), a spontaneous species found, were recognized and used in households as food and neglected by food producers focused on commerce. Several forms of consumption, untapped food or medicinal potentialities were identified, such as the use of jatoba (*Hymenaea courbaril*), São Caetano melon (*Momordi cacharantia*) and blackberry (*Morus nigra*) as food. These are used or marketed for medicinal purposes only. Thus, it can be pointed out that, even with the presence of PANC in commerce and being cultivated in proprieties, there is a risk that knowledge about management and use will disappear due to the lack of complementarity between these two fundamental activities that uses the knowledge of PANC in communities areas studied.

Key words: Popular fairs. UFPs. Plant food resources.

¹Discente do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, *campus* Cuiabá Bela Vista (IFMT-BLV), Cuiabá-MT.

²Graduanda do curso de Ciências Biológicas (Bacharelado), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) *campus* Cuiabá, Cuiabá-MT. E-Mail: renata.paraguassu@hotmail.com

³Graduanda do curso de Engenharia Florestal (Bacharelado), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* Cuiabá, Cuiabá-MT. E-Mail: millenaHaenisch@hotmail.com, pamelamaia39@gmail.com

⁴ Docente (Ecologia), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, *campus* Cuiabá Bela Vista (IFMT-BLV), Cuiabá-MT. E-Mail: juliano.bonatti@blv.ifmt.edu.

INTRODUÇÃO

Apesar da grande variedade de plantas, o mercado atual, impulsionado pelos interesses econômicos e pelos modismos temporários, acaba por incentivar as monoculturas melhoradas em detrimento das variedades vegetais locais e os saberes populares tradicionais (KINUPP e BARROS, 2004). Essa situação se agrava quando as pessoas com melhores condições financeiras têm preferência por comprar em grandes redes de supermercados, deixando geralmente assim, de comprar e consumir plantas nativas e/ou com nomes pejorativos. Por outro lado, existe uma tendência de acomodação da população com menor poder aquisitivo em receber doações, como de feirantes, por exemplo, deixando de buscar alternativas de enriquecer e diversificar a própria alimentação (KINUPP e BARROS, 2004). Uma das maneiras de melhorar essa situação pode ser o reconhecimento da diversidade alimentícia ou comestível dos vegetais (MARASINI, et al., 2013; ASSIS et al., 2016; KÖHLER e BRACK, 2016) para divulgar e valorizar esse conhecimento, além de incentivar a diversificação e enriquecimento alimentar da população nas mais viradas classes sociais.

Neste contexto, podemos denominar aquelas plantas, ou partes destas tratadas comumente de forma depreciada como Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Esse termo abrange muitos vegetais inclusos na dieta humana, desde as formas de consumo mais convencionais como *in natura* e refogados, até processados, como para a obtenção de sais vegetais (KINUPP e LORENZI, 2014). Estas plantas podem ser consideradas negligenciadas pela população local ou ainda pouco comercializadas, mesmo assim existem estudos que promovem a ampliação do conhecimento sobre algumas espécies de PANC (ASSIS et al., 2016).

Apesar de pouco consumidas, as PANC podem ter um valor nutricional elevado, assim como apresentam importância ecológica e econômica para muitas regiões. Estas plantas ruderais, nativas ou naturalizadas podem possuir teores nutritivos superiores as cultivadas em grande escala (KINUPP e BARROS, 2008). Geralmente, pelo fácil manejo, podem contribuir para alavancar a agricultura familiar e ecológica, colaborando com a agrobiodiversidade, viabilizando assim uma fonte de renda, bem como, contribuindo com a redução do potencial de erosão genética (KÖHLER e BRACK, 2016). A composição nutricional das PANC pode ser relevante para a população de baixa renda, comunidades rurais ou indígenas e pessoas com dietas alternativas, já que são fontes diversificadas de proteínas, vitaminas e de outros nutrientes (KINUPP e BARROS, 2008). Por vez, estes vegetais podem ser adquiridos por meios bem acessíveis, já que há diversas PANC espontâneas, *e.g.*, o caruru (*Amaranthus deflexus*) e, muitas outras são de fácil manejo, sendo possível a obtenção de sementes e mudas, como também de forma extrativista.

Para o estado de Mato Grosso existem levantamentos de plantas em quintais, residências ou em comunidades, demonstrando a importância das espécies para os mais diversos locais que ocorrem ou são cultivadas (AMARAL e GUARIM NETO, 2008; CARNIELLO et al., 2010; FERREIRA et al., 2016; FIEBIG e PASA, 2016; SANTOS e GUARIM NETO, 2017; RODRIGUES e MÜLLHER, 2018). Porém, poucos estudos são específicos e mais aprofundados sobre as PANC no estado de Mato Grosso. Quanto a comercialização, tem-se o registro de um levantamento etnobotânico de plantas medicinais (PINTO et al., 2013) e de recursos genéticos vegetais (FARIA et al., 2016), demonstrando assim a carência de informações sobre o potencial comercial das PANC no estado.

Levando em consideração a importância da recuperação e manutenção do conhecimento das PANC, este estudo teve como intenção contribuir com o conhecimento das características de comerciantes e cultivadores, assim como, as finalidades de uso e consumo de PANC nas áreas urbanas das cidades de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso – MT. Para

efetivar esse propósito esta pesquisa objetivou especificamente: (i) Caracterizar o perfil dos comerciantes e cultivadores residenciais de PANC; (ii) Reconhecer as espécies de PANC cultivadas e comercializadas; (iii) Identificar a procedência das PANC comercializadas em feiras populares e a forma de obtenção das espécies cultivadas para consumo doméstico; (iv) Verificar a finalidade do uso adotado de cada espécie na região; (v) Indicar a variedade e a importância das plantas que a população tem contato.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado entre os meses de fevereiro a novembro de 2017, compreendendo quintais e feiras do perímetro urbano das cidades de Cuiabá e Várzea Grande (MT).

A cidade de Cuiabá, capital do Mato Grosso, possui uma população de aproximadamente 550 mil habitantes (IBGE, 2010), sendo composta por 138 bairros. O município de Várzea Grande comporta uma população de cerca de 250 mil habitantes (IBGE, 2010), compreendendo 126 bairros.

Para a amostragem na cidade de Cuiabá foram entrevistados proprietários cultivadores de 6 bairros, sendo eles: três moradores dos bairros Altos da Serra I, Nova Esperança e Parque Cuiabá. Quanto ao comércio, nessa mesma cidade, foram entrevistados 9 estabelecimentos nas seguintes feiras: feira do bairro Bela Vista, localizada na Av. Gonçalo Antunes de Barros, bairro Bela Vista, Mercado do Porto, localizado na Av. Oito de Abril, bairro Porto, e Feira de Orgânicos da UFMT, localizada na Universidade Federal do Mato Grosso. Na cidade de Várzea Grande, foram entrevistados dois proprietários de áreas residenciais dos bairros Engordador e Pirineu e nenhuma feira ou comércio por indisponibilidade e/ou desconhecimento no período do estudo.

A obtenção dos dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas. Em um primeiro questionário, aplicado aos comerciantes, buscou-se reconhecer as plantas comercializadas, finalidade de uso (se são vendidas para fins alimentícios, medicinais ou para ambas aplicações) e procedência (se são provenientes do cultivo na moradia do comerciante, de alguma horta ou se são importados). Num segundo questionário, ainda em relação aos comerciantes, procurou-se: (i) Caracterizá-los quanto à idade e sexo; (ii) Verificar o conhecimento dos mesmos sobre o termo PANC, caso sim, de qual forma esse conhecimento foi adquirido (meio familiar, meio acadêmico ou “boca a boca”); (iii) Saber se há o consumo de PANC e com qual a frequência (diária, semanal ou esporádica); (iv) Identificar quais são as plantas comercializadas; (v) Quais apresentam maior demanda; e (vi) Levantar a procedência das PANC comercializadas. Por último, um terceiro questionário foi aplicado com cultivadores, buscando-se: (i) Caracterizá-los quanto à idade e sexo; (ii) Reconhecer o entendimento deles sobre o termo PANC; (iii) Averiguar a origem do conhecimento das plantas apresentadas (meio familiar, meio acadêmico ou “boca a boca”); (iv) Levantar se eles realizam a coleta das PANC existentes em suas propriedades e se costuma consumi-las, caso sim, com qual frequência (diária, semanal ou esporádica); (v) Avaliar o conhecimento deles sobre o manejo, consumo, finalidade (alimentícia, medicinal ou alimentícia e medicinal) e a forma de plantio (muda/estaquia, semente ou espontânea). A nomenclatura das plantas como PANC neste estudo seguiu o proposto por Kinupp e Lorenzi (2014).

A escolha dos entrevistados nas feiras deu-se através da disponibilidade de cada feirante, pois a coleta de dados foi feita em dias úteis e em horário comercial. Da mesma forma foram escolhidos os moradores para a entrevista, em bairros distintos para que a pesquisa não

se restringisse a uma única localidade. Todos os entrevistados tomaram ciência e assinaram um termo de livre consentimento e aceite.

Com o intuito de apontar a importância das PANC como alimento e/ou com planta medicinal utilizou-se o fator Nível de Fidelidade (NF) de cada planta citada por mais de três informantes de acordo com a finalidade de uso. A partir de então, multiplicou-se o número de informantes que citaram o uso principal (IP) por 100 e dividiu-se pelo número de entrevistados que citaram qualquer finalidade (IU). O Fator de Correlação (FC) e a Porcentagem de Concordância quanto aos Principais Usos (CUP) foram usadas para diminuir as grandes variações. Para isso, foi dividido o IU pelo número de informantes que citaram a espécie mais citada. O CUP foi calculado multiplicando o NF pelo FC (segundo o proposto por Friedman, 1986 e Phillips, 1996).

Os dados das entrevistas foram compilados e analisados a partir de um programa computacional, gerando gráficos e tabelas que possibilitaram avaliar os resultados obtidos de acordo com os objetivos propostos neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo foram entrevistados 09 comerciantes e cinco produtores residenciais. Os comerciantes todos na cidade de Cuiabá. Quanto aos cultivadores três na cidade de Cuiabá e dois em Várzea Grande. As características dos entrevistados, tanto dos comerciantes (A - I) quanto dos produtores residenciais (A - E), estão relacionadas na tabela 1.

TABELA 1 – Características de comerciantes e de cultivadores de plantas alimentícias não convencionais (PANC) nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso, Brasil. Legenda: Masculino (M); Feminino (F); Boca a boca (B); Acadêmico (A); Familiar (F); Esporádico (E); Semanal (S); Diário (D).

	Comerciantes									Cultivadores				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	A	B	C	D	E
Faixa etária	40-60	40-60	60>	40-60	25-40	40-60	40-60	40-60	40-60	25-40	60>	60>	60>	60>
Sexo	M	F	M	M	M	M	F	F	F	M	F	F	F	F
Origem do conhecimento	-	B	-	-	-	-	-	F	-	A	F/A	F	F/B	F
Conhece o termo PANC?	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Frequência de uso	E	-	S	D	E	D	S	E	-	E	E	E	E	S
Número de PANC vendidas/cultivadas	2	2	12	9	5	4	5	5	5	19	18	11	12	4

Os resultados mostram pouca diferença entre os sexos no comércio, mas destaca-se o predomínio das mulheres como cultivadoras nas residências (Tabela 1). Esses perfis podem reverberar a situação observada em outros estudos, nos quais as mulheres são apontadas como principais responsáveis pelo cultivo residencial (CARNIELLO et al., 2010; CHAVES, 2016; SANTOS e GUARIM NETO, 2017).

Em relação à idade, observou-se o predomínio da faixa etária entre 40 e 60 anos entre os comerciantes e, entre os cultivadores preponderou os maiores de 60 anos (Tabela 1). Essa evidência também foi constatada em outros estudos, nos quais os entrevistados acima de 40 anos apresentaram maior disponibilidade para participar de entrevistas em residências (BARREIRA et al., 2015; CARNIELLO et al., 2010). Contudo, por falta de informações relacionadas ao comércio de plantas negligenciadas, que indiquem a idade dos comerciantes, é exígua a possibilidade de avaliar esse fato. Entretanto, pode-se sugerir que observado neste estudo, em relação ao comércio, se deve ao desinteresse de pessoas jovens de se envolverem com a produção e venda de produtos agrícolas em feiras.

Quanto à origem e o conhecimento do termo “PANC”, notou-se que a maioria dos cultivadores residenciais conhecem o termo (Tabela 1). Entretanto, a maioria dos comerciantes desconhecem o termo PANC, assim, eles não souberam responder a origem do conhecimento em relação às plantas. Esse fato pode estar relacionado ao desvencilhamento das relações familiares, uma vez que em outras cidades dos estados de Mato Grosso, Paraná e Sergipe, por exemplo, a origem e conhecimento tradicional sobre plantas têm forte influência familiar (BOTELHO et al., 2014).

Quando contraposto a variedade de PANC e a frequência de uso, os feirantes apresentaram uma variedade menor, mas usam com mais frequência quando comparado com os cultivadores que apresentam maior variedade, mas a utilização é menos frequente (Tabela 1). Uma justificativa para estas diferenças pode ser a indisponibilidade de algumas partes alimentícias durante todo o ano (por exemplo o fruto da pitaia – *Hylocereus lemairei*). Também existe o fato de muitas plantas serem utilizadas como medicinais pelos entrevistados das propriedades e, portanto, somente quando necessário, sendo que no comércio mesmo com pouca variedade há a comercialização contínua das plantas.

O presente estudo revelou que na região são comercializadas e cultivadas 58 espécies de PANC (Tabela 2). Dessas, 30 espécies são comercializadas, destacando-se: a jurubeba (*Solanum stramonifolium*), o pequi (*Caryocar brasiliense*) e o maxixe (*Cucumis anguria*). Já entre os cultivadores contabilizou-se um total de 39 espécies, dentre elas as mais representativas foram: o capim cidreira (*Cymbopogon citratus*), a jabuticaba (*Plinia cauliflora*), a beldroega (*Portulaca oleracea*) e o caruru (*Amaranthus deflexus*).

TABELA 2 – Relação dos nomes populares e científicos (segundo Kinnup e Lorenzi, 2014) com a finalidade de uso, a forma de obtenção, meio de conservação, forma de plantio/obtenção, e a procedência no cultivo residencial e para o comércio de plantas alimentícias não convencionais (PANC), nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso, Brasil; Legenda: A – alimentícia, M – medicinal, A/M – alimentícia e medicinal; Com. – comerciantes; Cult. – cultivadores; Es – espontâneas; Mu. – mudas/estaquias; Se. – sementes, H – hortas; I – importadas; Out. – outros.

Nome popular	Nome científico	Família	Uso	Obtenção	Conservação	Plantio	Procedência
Caruru	<i>Amaranthus deflexus</i>	Amaranthaceae	A/M	Cult.	-	Es.	-
Celósia	<i>Celosia argentea</i>	Amaranthaceae	A	Cult.	-	Se.	-
Erva de santa maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Amaranthaceae	A/M	Cult.	-	Es. e Se.	-
Seriguela	<i>Spondias purpúrea</i>	Anacardiaceae	A	Com. e Cult.	In natura	Mu.	H.
Mandioquinha	<i>Arracacia xanthorrhiza</i>	Apiaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Coentro bravo	<i>Eryngium foetidum</i>	Apiaceae	A	Cult.	-	Es.	-
Inhame	<i>Colocasia esculenta</i>	Araceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Taioba	<i>Xanthosoma taioba</i>	Araceae	A	Com. e Cult.	In natura	Mu.	H.
Bocaiuva	<i>Arecomia aculeata</i>	Arecaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Bardana	<i>Arctium lappa</i>	Asteraceae	A	Cult.	-	Se.	-
Dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	A/M	Cult.	-	Se.	-
Assapeixe	<i>Vernonanthura phosphorica</i>	Asteraceae	M	Cult.	-	Es.	-
Bertalha	<i>Basella alba</i>	Basellaceae	A	Com. e Cult.	In natura	Se.	H.
Mostarda	<i>Brassica juncea</i>	Brassicaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Couve chinesa	<i>Brassica rapa</i>	Brassicaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Mandacaru	<i>Cereus hildmannianus</i>	Cactaceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Pitaia	<i>Hylocereus lemairei</i>	Cactaceae	A	Cult.	-	Mu. e Se.	-
Ora pro nobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	A	Com. e Cult.	In natura	Mu. e Se.	H.
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i>	Caricaceae	A/M	Cult.	-	Se.	-
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i>	Caryocaraceae	A	Com.	In natura	-	Out.
Cana do brejo	<i>Costus amazonicus</i>	Costaceae	M	Com.	Desidratada	-	Out. e Im.
Pepino doce	<i>Coccinia grandis</i>	Cucurbitaceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>	Cucurbitaceae	A	Com.	In natura	-	M. e H.
Melão de são caetano	<i>Momordica charantia</i>	Cucurbitaceae	M	Com.	Desidratado	-	H. e Im.
Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Cucurbitaceae	A	Com.	In natura	-	Out.
Cará	<i>Dioscorea dodecaneura</i>	Dioscoreaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Chuva de ouro	<i>Cassia fistula</i>	Fabaceae-caesalpinioideae	A	Cult.	-	Mu.	-
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae-caesalpinioideae	M	Com.	In natura	-	H.
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>	Fabaceae-Caesalpinioideae	A	Com.	In natura	-	H.
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i>	Fabaceae-faboideae	A	Com.	Semente torrada	-	H.
Pixuri	<i>Licaria puchury-major</i>	Lauraceae	A/M	Com.	Semente torrada	-	H. e Im.
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	Malvaceae	A	Cult.	-	Se.	-
Hibisco	<i>Malvaviscus arboreus</i>	Malvaceae	A/M	Com. e Cult.	Desidratada	Se.	Out. e Im.

Fruta pão	<i>Artocarpus atilis</i>	Moraceae	A/M	Com.	In natura	-	H.
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Moraceae	A	Com. e Cult.	In natura	Se.	H.
Amora	<i>Morus nigra</i>	Moraceae	M	Com. e Cult.	In natura	Se.	H. e Im.
Moringa	<i>Moringa oleifera</i>	Moringaceae	A/M	Cult.	-	Se.	-
Banana	<i>Musa X paradisiaca</i>	Musaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Guabiroba	<i>Campomanesia schlechtendaliana</i>	Myrtaceae	A/M	Com.	In natura e desidratada	-	H.
Pepininho	<i>Melothria cucumis</i>	Myrtaceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Araçá	<i>Myrciaria dúbia</i>	Myrtaceae	A	Cult.	-	Se.	-
Jaboticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Myrtaceae	A/M	Cult.	-	Mu. e Se.	-
Jambo	<i>Syzygium malaccense</i>	Myrtaceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Erva tostão	<i>Boerhavia difusa</i>	Nyctaginaceae	M	Cult.	-	Es.	-
Pariparoba	<i>Piper umbellatum</i>	Piperaceae	A/M	Com. e Cult.	In natura	Mu.	H.
Tanchagem	<i>Plantago australis</i>	Plantaginaceae	M	Com. e Cult.	In natura	Se.	H.
Capim cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	A/M	Cult.	-	Um.	-
Bambu	<i>Phylostachys edulis</i>	Poaceae	A	Cult.	-	Mu.	-
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	A	Cult.	-	Es. e Mu.	-
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>	Rubiaceae	A/M	Com.	In natura	-	H.
Noni	<i>Morinda citrifolia</i>	Rubiaceae	A/M	Cult.	-	Mu. e Se.	-
Limão-doce	<i>Citrus limetta</i>	Rutaceae	A	Cult.	-	Se.	-
Jurubeba	<i>Solanum stramoniiifolium</i>	Solanaceae	A	Com. e Cult.	Em conserva	Es.	M.
Maria gorda	<i>Talinum paniculatum</i>	Talinaceae	A	Cult.	-	Es.	-
Capuchinha	<i>Tropaeolum majus</i>	Tropaeolaceae	A	Cult.	-	Se.	-
Urtiga	<i>Urtica caracasana</i>	Urticaceae	A/M	Cult.	-	Es.	-
Amor perfeito	<i>Viola X wittrockiana</i>	Violaceae	A	Com.	In natura	-	H.
Açafrão	<i>Curcuma longa</i>	Zingiberaceae	A/M	Com. e Cult.	Desidratado	Mu.	H.

Os dados relativos ao nível de fidelidade (NF) e de concordância quanto aos principais usos (CUP) das PANC, considerando o principal uso relatado pelos comerciantes e pelos cultivadores nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande (MT), estão descritos na tabela 3.

TABELA 3 – Concordância dos usos principais das espécies de plantas alimentícias não convencionais (PANC) citadas por mais de 3 entrevistados nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso, Brasil. Legenda: IU = Número de informantes para qualquer uso; IP = Número de informantes que citaram o uso principal; NF% = Porcentagem do Nível de Fidelidade; FC = Fator de correção; CUP = Porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais; Cult. = Plantas cultivadas nas residências; Com. = Plantas comercializadas.

	Nome popular	IU	Nº de usos citados	Uso principal	IP	NF%	FC	CUP
Cult.	Beldroega	4	1	Alimentício	4	100	1	100
	Inhame	3	1	Alimentício	3	100	0,75	75
	Erva de Santa Maria	3	1	Medicinal	3	100	0,75	75
	Pitaia	3	1	Alimentício	3	100	0,75	75
	Capim cidreira	4	2	Alimentício e Medicinal	3	75	0,75	56,2
	Caruru	4	2	Alimentício	3	75	0,75	56,2
	Jabuticaba	4	2	Alimentício	3	75	0,75	56,2
Com.	Maxixe	6	1	Alimentício	6	100	1	100
	Jurubeba	5	2	Alimentício	4	80	0,83	66,4
	Pequi	3	1	Alimentício	3	100	0,5	50

Das 11 espécies de PANC citadas por mais de três entrevistados, nota-se que o NF é alto (Tabela 3), ou seja, a maioria dos entrevistados utilizam essas PANC para a mesma finalidade demonstrando um consenso. Porém, nota-se que as PANC podem ser utilizadas de formas diferentes de acordo com os entrevistados. Um exemplo disso é a jabuticabeira, a qual foi citada como alimentícia e medicinal (Tabela 2), mas não é o uso principal de acordo com a análise do NF.

A CUP variou principalmente entre 50% e 75%, tendo somente o maxixe entre as plantas comercializadas e a beldroega entre as cultivadas com a CUP de 100% (Tabela 3). O maxixe pode ser considerado uma planta bem distribuída na região Centro Oeste (ASSIS et al., 2016) e de importância alimentícia. Em contrapartida, o pequi foi a planta comercializada com o menor índice de concordância. A esse resultado reflete, provavelmente, o fato de o fruto do pequi vir, aos poucos, ser desprezado (KÖHLER e BRACK, 2016). Quanto a beldroega, os estudos pouco indicam sobre o cultivo em moradias no estado de Mato Grosso. Porém, num estudo de Etnoconhecimento e utilização de hortaliças não convencionais, numa feira de agricultura familiar no município de Rondonópolis-MT destacou-a como alimentícia (CÂNDIDO e STURZA, 2016). Esse fato pode demonstrar que há o conhecimento do potencial alimentício da espécie, mas não é uma fonte alimentar importante no estado.

Foram identificadas 11 PANC em comum ao comércio e ao cultivo (Tabela 2): açafrão da terra (*Curcuma longa*), amora (*Morus nigra*), bertalha (*Basella alba*), hibisco (*Malvaviscus arboreus*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*), jurubeba, ora pro nobis (*Pereskia aculeata*), pariparoba (*Piper umbellatum*), seriguela (*Spondias purpurea*), taioba (*Xanthosoma taioba*), tanchagem (*Plantago australis*). No entanto a maioria dessas espécies, exceto o açafrão e a jurubeba, foram citadas somente uma vez no comércio e uma no cultivo. Assim, essas espécies podem ser consideradas com circulação limitada, inclusive a taioba que, em no estado da Bahia, por exemplo, é uma PANC bem estabelecida (ASSIS, et al. 2016).

Na maioria das feiras avaliadas as PANC são oriundas de hortas e das residências dos comerciantes (Tabela 2). Essa mesma constatação também foi observada na feira do produtor da cidade de Tangará da Serra-MT, na qual a maioria das plantas comercializadas são origem local (FARIA et al., 2016). Esse fato pode demonstrar a participação da produção da hortifruticultura local nas feiras de outras cidades do estado de MT. Entretanto, uma particularidade foi observada para a feira do Porto, a qual apresentou uma grande variedade de plantas de outros estados e até de fora do país (Figura 1). Esse fato pode refletir as demandas dos consumidores dessa que é a maior feira da capital do estado de Mato Grosso.

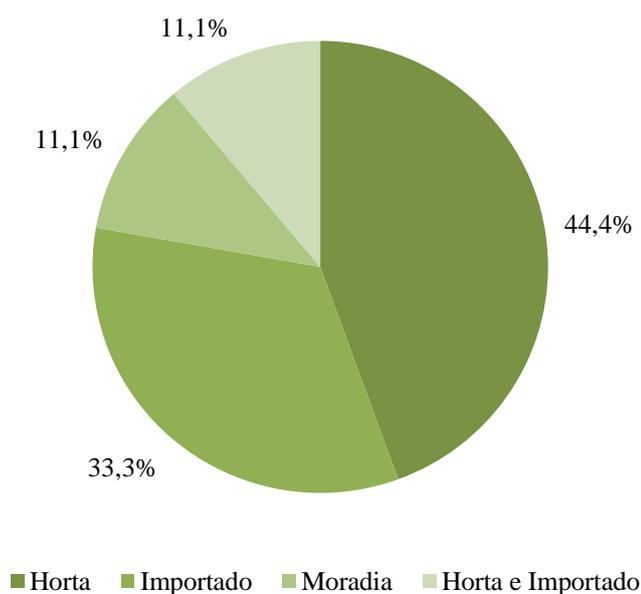


FIGURA 1 – Procedência das plantas alimentícias não convencionais (PANC) comercializadas em feiras na cidade Cuiabá-MT (2017).

Quanto à forma de obtenção das PANC (Figura 2), em sua totalidade, pouco variou, sendo adquiridas, preferencialmente, a partir de mudas ou estaquias e, em menor proporção de forma espontânea. Essa mesma tendência foi relatada nos estudos em quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT (CARNIELLO et al., 2010). As espécies de plantas alimentícias nativas – consideradas PANC – encontradas nos quintais, muitas vezes são adquiridas a partir de doações (AMARAL e GUARIM NETO, 2008). Esse pode ser o motivo pelo qual a maioria das PANC apresentadas serem adquiridas a partir de mudas e estaquias.

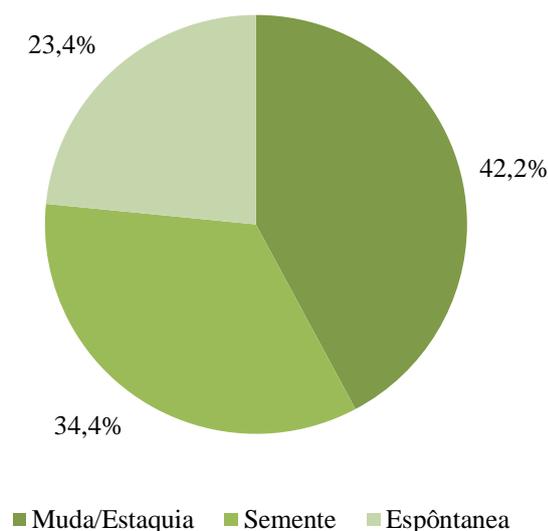


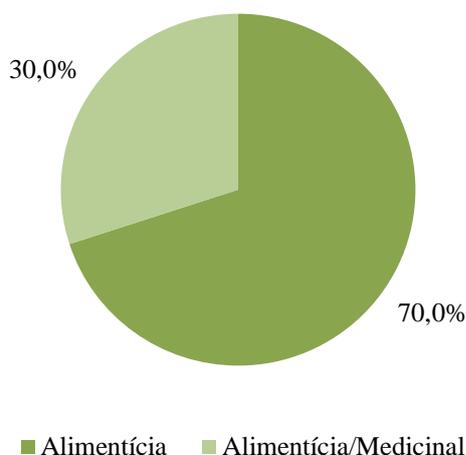
FIGURA 2 – Forma de obtenção das espécies de plantas alimentícias não convencionais (PANC) cultivadas nas moradias dos entrevistados das cidades de Cuiabá e Várzea Grande- MT (2017).

Do total das 58 espécies de PANC registradas neste estudo, 27,5% são utilizadas como alimentícias e medicinais, demonstrando a possibilidade da multiplicidade de uso das espécies vegetais (e.g. DUARTE e PASA, 2016). Uma proporção parecida (27%) foi relatada no cultivo de plantas alimentícias em Rosário Oeste (AMARAL e GUARIM NETO, 2008). No entanto, 10% das PANC no presente estudo foram citadas unicamente como medicinais, como por exemplo, o jatobá (*Hymenaea courbaril*), o melão de são caetano (*Momordica charantia*) e da amora (*Morus nigra*). Logo o papel alimentício de algumas PANC pode estar subutilizado ou foi negligenciado durante o estudo.

Apesar da maior parte das plantas citadas no comércio estarem ligadas ao uso alimentício (Figura 3 – A), observou-se que existe o comércio exclusivo de plantas medicinais, principalmente, no Mercado do Porto, na cidade de Cuiabá. Nas demais feiras as plantas são comercializadas com finalidade alimentícia, essa diferenciação entre as feiras pode estar relacionada ao tipo de demanda de cada segmento.

Os entrevistados nas residências empregam, em sua maioria, o uso alimentício (Figura 3 - B). Por sua vez, quando consideradas as PANC alimentícia e medicinal juntamente com aquelas exclusivas de uso medicinal percebe-se uma representatividade desse uso alternativo (35,9%). Dessa forma, nota-se uma estreita relação na região deste estudo com as plantas medicinais, corroborando com as observações para outros municípios de Mato Grosso, como nas comunidades de Poconé (DUARTE e PASA, 2016), em Rosário Oeste (AMARAL e GUARIM NETO, 2008) e Mirassol D'Oeste (CARNIELLO et al., 2010).

(A)



(B)

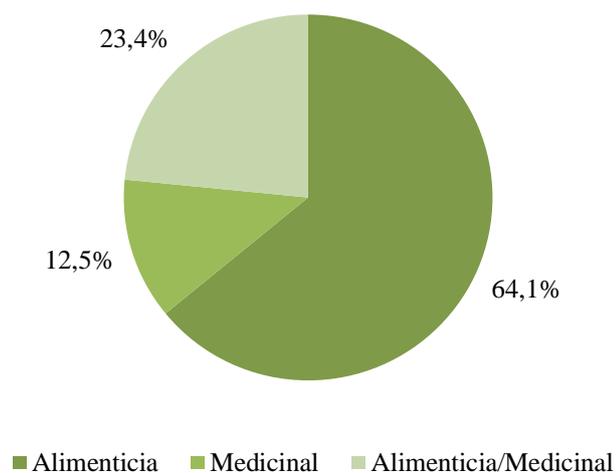


Figura 3 – Finalidades de uso das plantas alimentícias não convencionais (PANC) comercializadas (A) e cultivadas por moradores (B), nas cidades de Cuiabá e Várzea-Grande – MT (2017).

Espécies espontâneas como o caruru, dita como importante fonte alimentar e econômica em diversos estados – Amazônia (CHAVES, 2016), Bahia (ASSIS et al., 2016), Minas Gerais (BARREIRA et al., 2015) e Rio Grande do Sul (ERICE, 2011) – e que são facilmente encontradas em produções agrícolas (KINUPP e LORENZI, 2014) não foram encontradas nas feiras da cidade de Cuiabá-MT (Tabela 2). Logo, esse fato pode indicar o preconceito e a subutilização das plantas alimentícias espontâneas (KINNUP e BARROS, 2004; KINUPP, 2009; MARASINI et al., 2013; ASSIS et al., 2016).

A circunstância de algumas espécies de PANC não estarem sendo utilizadas para a alimentação, mesmo que presentes nas moradias estudadas, indica um potencial recurso alimentício já existente nos quintais que poderiam estar sendo utilizados. Por sua vez, há plantas que são conhecidas e citadas (mesmo que não cultivadas por questões de manejo ou falta de

espaço) como um potencial recurso alimentício e que poderiam ser exploradas comercialmente na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou um perfil de pessoas interessadas nas PANC. No geral, são adultos acima de 40 anos, que quando comercializam as PANC possuem pouco conhecimento sobre as mesmas e as usam com mais frequência. Em contrapartida, aqueles que cultivam tem um conhecimento maior, mas consome esporadicamente as PANC.

Apesar da variedade de PANC encontrada neste estudo (58 espécies), muitas delas precisam ganhar espaço no comércio, sendo, portanto, subutilizado o seu potencial como produto alimentício. Esse fato é reforçado pelo número de espécies citadas/utilizadas por cultivadores, mas que não são comercializadas. Porém, a pesquisa de campo demonstrou o interesse dos participantes em compartilhar o conhecimento em relação as plantas e, que a maior dificuldade em comercializar as PANC é a falta de demanda. Apesar disso, desataca-se o fato que quando são utilizadas, as PANC, primordialmente são para caráter alimentício.

Por fim, verificou-se que nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, MT, as PANC estão sendo comercializadas e cultivadas, no entanto percebe-se que existem diversas formas de consumo ainda inexploradas, informações de uso, preparo e plantio desconhecidas e, talvez, preconceitos quanto a utilização. Estes aspectos devem ser estudados, divulgados de forma a valorizar estas plantas e incentivar a produção local, como também intensificar o cultivo em moradias, viabilizando fonte que sustentem a segurança alimentar e uma alimentação mais rica e diversificada para a população da região.

AGRADECIMENTOS

Aos colaboradores Gabriel Dall'onder, Gabriel Vargas e Ian Almeida e ao professor Yuri Ogaya Assumpção pelo auxílio no desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, C. N. do; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.- dez. 2008.

ASSIS, J. G. de A.; GALVÃO, R. F. M.; CASTRO, I. R. de; MELO, J. F. de. Plantas Alimentícias Não Convencionais na Bahia: Uma Rede Em Consolidação. Revista Agriculturas, v. 13, n.2, p. 16-20, 2016.

BARREIRA, T.F.; PAULA FILHO, G.X.; RODRIGUES, V.C.C.; ANDRADE, F.M.C.; SANTOS, R.H.S.; PRIORE, S.E.; PINHEIRO-SANT'ANA, H.M. Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.17, n.4, supl. II, p.964-974, 2015.

BOTELHO, J. de M.; FERREIRA, A. P. do N. L.; FERREIRA, M. L. Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. Ciência Rural, Santa Maria, v.44, n.10, p.1810-1815, out, 2014.

CÂNDIDO, H. T; STURZA, J. A. I. Etnoconhecimento e a Utilização das Hortaliças Não Convencionais: Cenário atual na região de Rondonópolis-MT. Biodiversidade, v.15, n.2, p. 191-205, 2016.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. dos S.; CRUZ, M. A. B. da; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. Acta Amazônia, v.40, n.3, 2010.

CHAVES, M. S. Plantas Alimentícias Não Convencionais em Comunidades Ribeirinhas na Amazônia. 2016. 108f. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

CUIABÁ, IBGE. Censo demográfico, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

DUARTE, G. S. D.; PASA, M. C. Agrobiodiversidade e a Etnobotânica na comunidade São Benedito, Poconé, Mato Grosso, Brasil. INTERAÇÕES, Campo Grande, v.17, n.2, p.247-256, abr.-jun. 2016.

ERICE, A. S. Cultivo e Comercialização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) em Porto Alegre, RS. 2011. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Biológicas). – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FARIA, R. B. de; BOTINI, N.; SOARES, F. S.; SOARES, J. A. G.; SILVA, M. L. da. Recursos Genéticos Vegetais Comercializados na Feira do Produtor de Tangará da Serra, MT. Biodiversidade, v.15, n.3, p. 45-53, 2016.

FERREIRA, A. L. de S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V. A Etnobotânica na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio do Leverger – MT, Brasil. Biodiversidade, v.15, n2, p. 85-100, 2016

FIEBIG, G. de Á.; PASA, M. C.; A Etnobotânica na Comunidade Passagem da Conceição em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, v.15, n.2, p. 101-123, 2016.

FRIEDMAN, J. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among Bedouins in the Negev desert, Israel. *Journal of Ethnopharmacology*, v.16, n.2-3, p.275-287, 1986.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. de. Levantamento de dados e divulgação do potencial das Plantas Alimentícias Alternativas no Brasil. *Horticultura Brasileira*, v.22, n.2, 2004.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, v.28, n.4, p.846-857, 2008.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2014. 768 p.

KÖHLER, M.; BRACK, P. Frutas Nativas no Rio Grande do Sul: cultivando e valorizando a diversidade. *Revista Agriculturas*, v.13, n.2, p.7-15, 2016.

MARASINI, J. B.; PERUZZO, G.; PEDROSO, P. C.; MODELSKI, V.; NOUHUYS, I. S. V., BRACK, P. Grupo Viveiros Comunitários, desde a produção de mudas, educação ambiental até os guardiões da agrobiodiversidade nativa do Rio Grande do Sul, Brasil. *Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS*, v. 8, n. 2, 2013.

PHILLIPS, O. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, M. (Ed.). *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual*. New York Missouri Botanical Garden, 1996. p.172-197.

PINTO, A. Z. de L.; ASSIS, A. F. S. de; PEREIRA, A. G.; PASA, M. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no mercado do porto em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *FLOVET*, n. 5, dezembro 2013.

RODRIGUES, J. E. de O.; MÜLLER, V. J. da S. Etnobotânica no Bairro Cristo Rei em Várzea Grande – Mato Grosso. *Biodiversidade*, v.17, n.1, p. 104-119, 2018.

SANTOS, J. S. dos; GUARIM NETO, G. Plantas de quintais da área urbana de Comodoro, Mato Grosso, Brasil. *FLOVET*, v.1, n.9, 2017.

VÁRZEA Grande, IBGE. Censo demora, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama>>. Acesso em: 10 ago. 2017.